

TRANSFORMAÇÃO SOCIAL  
E SUSTENTABILIDADE AMBIENTAL07 a 10 de Dezembro 2009  
Centro de Convenções do Ceará  
Fortaleza

Iracema Gardã



Trabalho 1204 - 1/3

**A PERCEÇÃO DO OUTRO NO CONTEXTO DE VULNERABILIDADE  
AO HIV**Silva, Carla Marins<sup>1</sup>Vargens, Octavio Muniz da Costa<sup>2</sup>

**INTRODUÇÃO:** O aumento da incidência da AIDS na população feminina tem se tornado um grave problema de saúde pública, preocupando a comunidade científica e o governo. A cada dia o número de mulheres infectadas se aproxima do número de homens infectados pelo HIV, chegando a menos de dois casos masculinos para cada caso feminino<sup>(1)</sup>. Este aumento da infecção na população feminina coloca duas questões importantes para discussão: a primeira que fala dos padrões biológicos da doença em relação à mulher e a segunda que trata da possibilidade de proposta de mudança no comportamento sexual como estratégia de prevenção<sup>(2)</sup>. Neste contexto, a vulnerabilidade é um importante instrumento para interpretar, planejar e avaliar as ações em saúde. Diante disto, esta pesquisa descritiva com abordagem qualitativa teve como **objetivo** foi descrever a percepção das mulheres com relacionamento estável quanto à vulnerabilidade feminina para contrair DST e AIDS. **METODOLOGIA:** O estudo foi realizado em um Campus Universitário, situado na zona norte, no município do Rio de Janeiro, durante os meses de março e abril de 2008. Como sujeitos do estudo foram abordadas, aleatoriamente, 15 mulheres de idade a partir de 18 anos, que se autodeclararam em relacionamento estável, de diferentes níveis de escolaridades, raças e religião, e que freqüentam o Campus. Neste grupo incluem-se as estudantes dos diferentes cursos, as servidoras técnico-administrativas ou docentes e as demais usuárias das dependências do Campus. Em atendimento ao preconizado pela Resolução 196/1996 do Conselho Nacional de Saúde, todos os sujeitos do estudo assinaram um termo de consentimento livre e esclarecido, em que foi garantido sigilo de sua identificação, direito de interromper ou sair da

<sup>1</sup> Enfermeira; Mestre em Enfermagem. Professora substituta da sub-área Saúde e Mulher da Faculdade de Enfermagem da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Email: carlamarinss@hotmail.com

<sup>2</sup> Enfermeiro Obstetra, Doutor em Enfermagem; Professor Titular do Departamento de Enfermagem Materno-Infantil da Faculdade de Enfermagem da UERJ. Coordenador do Núcleo de Estudos e Pesquisas Enfermagem, Mulher, Saúde e Sociedade (NEPEN-MUSAS). Email – omcvargens@uol.com.br.

TRANSFORMAÇÃO SOCIAL  
E SUSTENTABILIDADE AMBIENTAL07 a 10 de Dezembro 2009  
Centro de Convenções do Ceará  
Fortaleza

Iracema Gardiã



## Trabalho 1204 - 2/3

pesquisa e ficar ciente dos resultados finais. O projeto foi submetido à apreciação do Comitê de Ética da UERJ e foi aprovado em 12 de março de 2008 (projeto 1969-CEP/HUPE). As entrevistas foram gravadas em *Digital Media Player* (mp4) e posteriormente transcritas para análise. Aconteceram em salas de aula, sala de espera, no corredor ou nos bancos do jardim da universidade, de acordo com as escolhas das entrevistadas, de modo a manter sua privacidade. A análise dos dados foi feita segundo os pressupostos da análise de conteúdo<sup>(3)</sup>.

**RESULTADOS:** Os dados encontrados revelam que as entrevistadas disseram que as outras mulheres são vulneráveis porque não utilizam preservativos. Porém elas, durante a entrevista, afirmam que nem sempre usam preservativos, o que nos mostra que percebe que o outro tem maior as entrevistadas afirmaram que ter um relacionamento estável é um fator de vulnerabilidade para as outras mulheres, pois está relacionado ao não uso do preservativo. Esta situação acontece, principalmente por prevenirem somente a gravidez indesejada com uso de pílula anticoncepcional. As entrevistadas relacionaram a vulnerabilidade das outras mulheres com o não relacionamento estável, com o maior número de parceiros, troca de parceiros, o “ficar” sem compromisso, uso de drogas lícitas e ilícitas e conseqüentemente, o sexo banalizado. Estes depoimentos são de certo cunho conservador e tiram o risco de mulheres que vivem uma vida regrada com seu parceiro, que muitas vezes não utilizam preservativos e transferindo para as mulheres que não tem um relacionamento fixo, mas que podem se prevenir. As mulheres entrevistadas acreditam que a infidelidade feminina deixa as outras mulheres vulneráveis a contrair DST/AIDS. Mais uma vez, apresentam um depoimento de cunho conservador, que exclui do risco as mulheres que são monogâmicas com a vida regrada. Nas entrevistas, as mulheres reconheceram a falta de informação, o tabu e a vergonha como obstáculos para prevenção. Logo se deve aumentar o número de campanhas, de atividades para que não haja déficit de informação. As entrevistadas afirmaram que as DST/AIDS são consideradas doença do outro. Apesar de ter uma baixa autopercepção de vulnerabilidade, elas conseguem reconhecer que as outras mulheres estão vulneráveis por acreditarem que não vai acontecer com elas, ou seja, doença do outro. **CONCLUSÃO:** Ficou evidente que as entrevistadas, em relacionamento estável, reconhecem as outras mulheres como tendo sua vulnerabilidade

TRANSFORMAÇÃO SOCIAL  
E SUSTENTABILIDADE AMBIENTAL07 a 10 de Dezembro 2009  
Centro de Convenções do Ceará  
Fortaleza

Iracema Gardã

**Trabalho 1204 - 3/3**

aumentada, uma vez que se excluem do risco de contrair DST/AIDS, como se elas não estivessem vivenciando um relacionamento estável. Portanto, no atual momento da epidemia, um dos grandes desafios para a prevenção e controle das DST/AIDS é reverter esta baixa percepção em relação ao risco, observados nas mulheres. Desta forma, é fundamental considerar que, a junção de valores, sentimentos e a construção das desigualdades de gênero, devem estar presentes nas políticas de intervenção e controle como um dos principais fatores de exposição ao risco. Assim, os profissionais de saúde estarão capacitados para atender essa nova realidade da epidemia que perpassa pelas questões de gênero e pelo conceito mais amplo de vulnerabilidade.

**PALAVRAS CHAVE:** Saúde da mulher. Enfermagem. HIV. Vulnerabilidade.

**REFERÊNCIAS**

BOLETIM EPIDEMIOLÓGICO. Brasília, DF: Ministério da Saúde, ano 3, n. 1, jan./jul. 2006.

BARBOSA, R. M. Feminismo e AIDS. In: PARKER, R.; GALVÃO, J. (Org.).

**Quebrando o silêncio:** mulheres e AIDS no Brasil. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1996. p. 153 – 168.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo.** Lisboa: Edições 70, 1977.